

O POVO DO CAPIM DOURADO - REGISTROS FOTOETNOGRÁFICOS DO REMANESCENTE QUILOMBOLA DE MUMBUCA

Alice Agnes Spíndola Mota

Universidade Federal do Tocantins

submissão: 04.03.2022 aprovação: 13.09.2022

O artesanato de capim dourado do Remanescente Quilombola de Mumbuca tornou-se símbolo e referência da comunidade a partir de sua popularização em meados do ano 2000. Segundo a tradição e história oral transmitida por mumbucas de diferentes idades, o artesanato de capim dourado foi desenvolvido por uma mulher chamada Laurina, neta de um dos fundadores do remanescente quilombola, e que ao admirar o brilho do capim dourado nas veredas, teve a ideia de confeccionar utensílios com a planta, utilizando um trançado de inspiração indígena da região, mas que era feito em artesanato com palha seca.

A utilização do capim dourado para confecção de bens utilitários como cestos e chapéus começa com Dona Laurina Pereira Matos, mãe de Dona Guilhermina – a Dona Miúda, matriarca da comunidade do Mumbuca, hoje reconhecida como a grande fomentadora e divulgadora da arte da costura do capim dourado. Dona Laurina teria ensinado a costura do capim dourado à sua filha Guilhermina e à sua irmã mais nova, Agda. O saber era restrito à família de Dona Miúda e só as mulheres trabalhavam com o capim dourado [...] quando se deslocavam para cidades vizinhas como Formosa, na Bahia, Corrente, no Piauí, Ponte Alta do Tocantins e Porto Nacional é que vendiam suas peças. (Castro & Pereira 2010: 16).

O trançado do capim dourado é a expressão artística da história coletiva do Remanescente Quilombola de Mumbuca, sua origem e popularização estão intrinsecamente ligados à identidade da comunidade. Não se trata de um vínculo mecânico entre arte-sociedade, mas para analisar a importância desse artesanato é preciso considerá-lo, primeiramente, como o produto das ideias

de uma mulher do remanescente quilombola de Mumbuca, transmitido através do vínculo familiar a outras mulheres e divulgado pela comercialização para fora da comunidade.

Para os moradores de Mumbuca, o artesanato de capim dourado foi um agente transformador da realidade miserável na qual encontravam-se inseridos. Gell (1998) evidencia o caráter de agência dos objetos com base nas relações estabelecidas entre esses e as pessoas. Ao analisar os objetos de arte, categoria na qual o artesanato quilombola pode ser também incluído, o autor observa que eles dão origem a uma sequência de ações, incorporam intenções e produzem efeitos, estabelecendo assim o aspecto relacional e social dos objetos torna-se, nesse sentido, fundamental para a compreensão de seu caráter artístico, e com base nesses conceitos, é possível constatar que o artesanato de capim dourado é origem e destino de agência social em Mumbuca.

O artesanato local dos mumbucas tem origem e perpetuação nas subjetividades coletivas, suas relações, concepções e vínculos profundos com o espaço habitado desde as origens do remanescente quilombola. É no território quilombola de Mumbuca, no Jalapão, que se enraízam as heranças culturais e dinâmicas cotidianas que integram a identidade coletiva e memória dos remanescentes. Maurice Halbwachs (1990) contribui com a compreensão de tal questão ao falar da memória como uma coletividade que vincula cada pessoa ao grupo e à tradição, e em Mumbuca a tradição só existe a partir do território e no território. A

respeito da memória coletiva em remanescentes quilombolas, observa-se que ela possibilita a reconstrução do passado e reafirmação de uma identidade compartilhada pelo grupo.

O capim dourado (*Syngonanthus Nitens*) é uma “sempre-viva”, pertence à família *Eriocaulaceae*, e é descrita como uma planta com “roseta basal de folhas pouco pilosas, lineares a oblongas, com 1 a 4 cm de comprimento e 0,1 a 0,2 cm de largura, de onde podem partir de 1 a 10 escapos terminais glabros” (Fichino et al. 2012: 37). Fora do período de maturação, a planta tem coloração clara, esverdeada e não se destaca da vegetação rasteira do cerrado, mas após atingir o ciclo reprodutivo, os escapos adquirem a tonalidade dourada que deu fama ao artesanato da sempre-viva. A planta existe em diversas regiões do país, mas é apenas no Jalapão que ela adquire a peculiar tonalidade comparada ao ouro.

Com a massiva reprodutibilidade do artesanato de capim dourado desde o fim da década de 1990 e o surgimento de novos grupos de artesãos em diversas partes do país, os quilombolas de Mumbuca e arredores requisitaram em 2008, por meio da Associação dos Artesãos em Capim Dourado da Região do Jalapão Estado do Tocantins (AREJA), o selo de indicação geográfica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que diferencia o artesanato de capim dourado feito no Jalapão dos demais, reforçando a legitimidade da tradição regional. Desde 2007, o agroextrativismo do capim dourado é regulamentado pela portaria nº 362, do Instituto de Natureza do Tocantins (Naturatins), a normativa determina que apenas entre os dias 20 de setembro a 20 de novembro é autorizada a colheita da planta no estado.

O artesanato de capim dourado tornou-se a principal fonte de renda de Mumbuca na primeira década dos anos 2000, desde então, as rotinas e o calendário local passaram a ter como referência o ciclo vegetativo dessa planta. Em setembro, às vésperas do período de autorização para a colheita, é realizada uma grande festa no Remanescente Quilombola de Mumbuca. Na sequência, toda a população ativa e com disponibilidade física se retira por semanas para a colheita e replantio do capim dourado nas veredas, ficando por vezes muitos dias acampados nessas regiões de campos úmidos a uma distância entre 5 e 40 quilômetros da comunidade. Quando acaba o período da sega, os mumbucas se dedicam à costura do capim dourado, buscando o aproveitamento máximo da planta, que durante todo o ano exerce o papel de fonte de renda principal para diversas das famílias do remanescente quilombola.

REFERÊNCIAS

Castro, Eliane; Pereira, Luciano. 2010. *Capim Dourado: trançando a tradição*. Palmas: Fundação Cultural do Tocantins.

Fichinho, Betânia et al. 2012. Efeitos de altas temperaturas na germinação de sementes de capim-dourado (*Syngonanthus nitens* (Bong) Ruhland, *Eriocaulaceae*): implicações para o manejo. *Acta Botanica Brasilica* 26(1): 508-511. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062012000200026>.

Gell, Alfred. 2008. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon.

Halbwachs, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice.



Figura 1 - Faixa no caminho para Mumbuca, na festa da colheita do Capim Dourado. Foto: Alice Mota (2011).

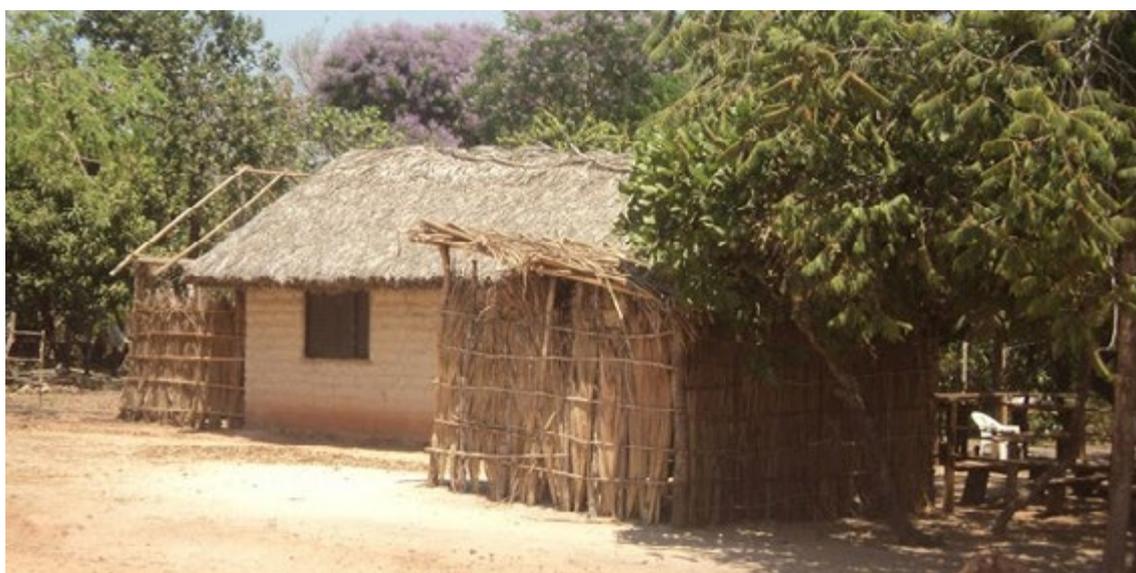


Figura 2 - Casa tradicional do remanescente quilombola de Mumbuca. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 3 - Noemi Ribeiro da Silva, a rainha do capim dourado, na festa da colheita. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 4 - Início da colheita do capim dourado. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 5 - Colheitador com vários feixes de capim dourado. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 6 - Capim dourado colhido no Cerrado. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 7 - Replântio sustentável das sementes. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 8 - A planta do capim dourado (*Syngonanthus nitens*) no solo. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 9 - O entardecer nos campos de colheita. Foto: Alice Mota (2011).



Figura 10 - Loja do remanescente quilombola de Mumbuca com artesanato feito pelos moradores após a colheita. Foto: Alice Mota (2011).